

**DESLIANDO OS FIOS DE UM NÓ COLONIAL: NOTAS SOBRE
CONTINUIDADE E RUPTURA EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

**UNTRAYING THE THREADS OF A COLONIAL KNOT: NOTES ON
CONTINUITY AND RUPTURE IN PONCIÁ VICÊNCIO, BY CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Blenda Souto Maior Belém¹

RESUMO

As investigações apresentadas neste artigo buscam refletir sobre os deslocamentos da diáspora negra, a relação com o sentimento de não pertencimento e o sofrimento mental e psíquico causados pela memória da escravidão à luz do pensamento de Dionne Brand e Paul Gilroy. O percurso de análises traçado por este trabalho, mobilizado também pelos estudos de Patricia Hill Collins e Sueli Carneiro, tem como objetivo refletir sobre os vestígios deixados pela experiência da sujeição durante o período colonial na subjetividade das mulheres negras. São apresentadas reflexões sobre a escrevivência, conceito cunhado pela escritora e crítica literária brasileira Conceição Evaristo, para analisar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), como produção literária ficcional que busca conferir novos contornos à experiência histórica negra e à memória da escravidão, configurando-se como aparato teórico e metodológico de escrita que possibilita a recomposição de subjetividades fraturadas pela violência da sujeição.

Palavras-chave: Escrevivência, Conceição Evaristo, Literatura brasileira, Diáspora negra,

ABSTRACT

This research seeks to reflect on the displacements of the black diaspora, the relationship with the feeling of not belonging and the mental and psychic suffering caused by the memory of slavery in the light of the thinking of Dionne Brand and Paul Gilroy. The path of analysis traced by this work, mobilized by the studies of Patricia Hill Collins and Sueli Carneiro, aims to reflect on the traces left by the experience of subjection in the colonial period on the subjectivity of black women. Reflections on “escrevivência”, a concept coined by Brazilian writer and literary critic Conceição Evaristo, are presented to analyze the novel *Ponciá Vicêncio* (2003), as a fictional literary production that seeks to give new contours to the black historical experience and

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, *Campus Capital* (FFLCH/USP); mestra em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela USP. Email: blendasoutomaior@usp.br

the memory of slavery, configuring itself as a theoretical and methodological writing apparatus that rises within Brazilian Literature and makes it possible to recompose subjectivities fractured by the violence of subjection.

Keywords: Escrivência, Conceição Evaristo Brazilian literature, Black diaspora,

Modos interpretativos da experiência negra contemporânea

Rememorar o passado e os mistérios que nele residem é a ideia que se assenta no cerne do poema da escritora mineira Conceição Evaristo, que evoca: “A memória bravia lança o leme: Recordar é preciso” (EVARISTO, 2017b, p. 11). O exercício da lembrança é tão recorrente quanto necessário na elaboração da subjetividade individual, bem como na construção da memória coletiva. Entretanto, tratando-se da experiência negra, marcada por apagamentos de um passado que se imbrica com uma história de violência e sujeição, inicio essa reflexão com um questionamento: como lembrar de algo que se desconhece? Mais especificamente, como se pode recordar do momento anterior à travessia que trouxe milhares de pessoas em condição de escravizadas para o continente americano, sem que essa lembrança seja assombrada pela dor e causadora de sofrimento mental? Não se pode negar que a escravidão foi um fato histórico que provocou uma fratura na subjetividade de pessoas que foram assim destituídas do estatuto de ser para viverem a experiência da sujeição. O momento em que pessoas negras saíram do continente africano de modo compulsório indubitavelmente provocou uma fissura que produz significados no tempo presente.

Na tentativa de rastrear a própria história em busca de um nome que representasse qualquer tipo de indício sobre sua origem, Dionne Brand, poeta e professora caribenha-canadense, nascida em Trinidad e Tobago, relata – em seu livro *Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento* (2022) – o momento em que questionou ao avô sobre o nome do povo do qual eram descendentes. A lembrança de um nome era algo que escapava à memória do avô; após sucessivas abordagens e frustradas tentativas de qualquer vestígio sobre sua origem, finalmente Brand desiste da busca. A frustração é mútua, tanto para a neta quanto para o avô, e, de

acordo com a autora, é causadora de uma lacuna que revela uma ruptura na história e a fratura causada pela escravidão como fato histórico.

Não ter um nome ao qual recorrer é não ter passado; não ter passado apontava para uma fissura entre o passado e o presente. Essa fissura é representada na Porta do Não Retorno: aquele lugar de onde nossa ancestralidade partiu de um mundo para o outro; do Velho Mundo para o Novo. O lugar onde todos os nomes foram esquecidos e todos os começos, reencenados (BRAND, 2022, p. 19).

A experiência negra contemporânea na diáspora está intrinsecamente relacionada à experiência histórica da escravidão, sendo que expressiva parte das produções no campo das artes e da literatura é marcada pelos modos plurais de interpretação do passado que permanece produzindo sentidos nos tempos atuais, imprimindo significados específicos nas vivências de pessoas negras. O livro propõe uma teorização sobre a experiência negra contemporânea na diáspora, relacionando as ideias de deslocamentos e retorno, onde A Porta, ponto que ocupa um lugar central da investigação de Dionne Brand, se configura como um lugar físico – mas sobretudo metafórico e ambíguo – que marca, ao mesmo tempo, a origem e a partida. Mais especificamente, A Porta representa uma consciência de que qualquer tentativa de retorno para esse lugar será marcado pela ausência e o vazio que obliteram a noção de pertencimento, pois toda e qualquer referência ao momento anterior à passagem por essa porta é uma espécie de ficção. Sendo assim, é a partir da ideia da Porta que a autora constrói os sentidos teóricos do que considera a experiência negra na diáspora, marcada pela noção de deslocamento e pela impossibilidade de retorno, o que implica numa continuidade desse movimento. A ideia da passagem pela Porta que a autora nos apresenta é reveladora de uma lacuna, um caminho para o abismo ou vazio:

Quando imaginamos nossa ancestralidade atravessando esses portais, sentimos pessoas pisando no nada; sentimos um espaço surreal, um espaço inexplicável. Imaginamos pessoas tão atordoadas por suas circunstâncias, tão inconsoláveis ao ponto de recusar a realidade. Nossa **herança** na Diáspora é viver nesse espaço inexplicável (BRAND, 2022, p. 34, grifo meu).

Segundo Brand, a noção de retorno escapa aos contornos da existência negra contemporânea na diáspora, pois não existe um lugar ou momento aos quais se possa

regressar ou retomar; o caminho para a reconstituição apontado pela autora seria o da ficcionalização, como modo de recriar a existência negra no momento anterior à passagem pelo portal que define a ruptura. A Porta marca o momento da fratura, da quebra na existência do que era e deixou de ser, adquirindo o *status* do não ser dentro da experiência da sujeição, deixando fragmentos de uma história que podem ser esquecidos ou recombinaados na tentativa de recomposição dessa subjetividade esfacelada.

O sociólogo inglês Paul Gilroy também elabora reflexões sobre os trânsitos e deslocamentos de pessoas negras. O autor afirma que os trânsitos próprios da diáspora negra são formadores de um fluxo de trocas culturais e políticas e esgarça a noção de nacionalidade e fixidez das identidades nacionais, sendo o Atlântico negro um espaço onde a formação desses fluxos ocorre. Para o autor, essa interlocução cultural e política acontece também devido ao conceito de “dupla consciência”, o qual toma emprestado do sociólogo estadunidense W. E. B. Du Bois, e aponta a questão como “dinâmica central da opressão racial, bem como para a antinomia fundamental dos negros da diáspora [...] decorrente da situação de ser interno e ao mesmo tempo externo ao Ocidente” (GILROY, 2001, p. 83-4). Os deslocamentos ocorridos na diáspora africana, sejam eles trânsitos forçados ou voluntários, vêm acompanhados da noção de um deslocamento que não é apenas físico e geográfico, mas também na ordem da subjetividade, que tem o não pertencimento como vestígio de um passado que ainda permanece sendo atualizado e imprimindo marcas na vivência de pessoas negras na diáspora.

O período histórico da escravidão ocasionou uma marca na experiência e na memória negra coletiva, causando, como já afirmado, uma fratura na subjetividade de pessoas negras na diáspora. Sua continuidade é produtora de sentidos, onde o racismo e o colonialismo são vestígios que permanecem fazendo as vidas negras habitarem o limiar entre a vulnerabilidade a resistência. Os impactos dessa fratura reverberam hoje de modo contundente na vida das pessoas negras, em especial, na vida das mulheres negras. Entre as reminiscências deixadas pela escravidão temos o lugar de subalternidade em que, de modo recorrente, mulheres negras são colocadas, marca do período colonial que segue fazendo esse grupo social permanecer adensado a

estereótipos negativos e imagens de controle, que a socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2019, p. 35) assim identifica: “certas qualidades supostamente relacionadas às mulheres negras são usadas para justificar a opressão”, estabelecendo uma continuidade no sistema de violências que estão relacionadas às condições raciais e de gênero.

A combinação entre o racismo e o sexismo recai sobre a vida de mulheres negras de modo incisivo, de tal forma que sucessiva e sistematicamente ceifa as oportunidades, atualizando-se de maneira constante, ganhando novos contornos e causando o que a intelectual brasileira Sueli Carneiro (2011, p. 127-8) intitula como o “matriarcado da miséria”, sendo esse o produtor de uma “asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima”. O corpo e a voz de mulheres negras foram, de modo sistemático, instrumento de controle ao longo do período colonial, em constante cerceamento, onde a fala, os gestos, os movimentos dos corpos estavam sob contínuas interdições, sendo obrigadas a seguir códigos e condutas determinados pelo poder hegemônico senhoril.

No empenho de conferir novos significados para a imagem da mulher negra, baseada na possibilidade da autoinscrição da voz e da fala de mulheres negras no interior da Literatura Brasileira, Conceição Evaristo, escritora e crítica literária mineira, elabora a Escrivivência, operador teórico e metodológico de escrita que alinhava seu projeto estético e literário, que se configura também como importante episteme para análise de produções negras contemporâneas na literatura e em outras áreas do conhecimento. A escrevivência, de acordo com a escritora, marca o gesto pelo qual mulheres negras “criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2005, p. 6).

A imagem que se estabelece no centro do pensamento da escrevivência evaristiana é a figura da **Mãe Preta**, a mulher negra em condição de sujeição, que tinha seu corpo e voz sob controle e domínio da autoridade colonial. Buscando estabelecer

novas interpretações para a imagem da mulher negra, sobretudo através de uma escrita literária impregnada de sua própria subjetividade como mulher negra oriunda das classes populares, a autora constrói, pela composição de uma complexa textura de sentimentos em suas personagens, uma dicção que tem como fundamento a autoinscrição da voz da mulher negra no discurso literário brasileiro.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado [...]. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (EVARISTO, 2020, p. 29-30).

A escrevivência de Conceição Evaristo é marcada pelo empenho de reconstituir a interioridade de pessoas negras, que tiveram suas subjetividades vilipendiadas primeiramente pelo projeto colonial, através da escravidão. O projeto de apagamento e aniquilação das subjetividades negras seguiu seu curso mesmo após o fim da escravidão, quando, na literatura, foram construídos discursos hegemônicos nos quais pessoas negras, e em especial as mulheres negras, foram desprovidas de autonomia de fala e interioridade. A escrevivência emerge como aparato teórico e metodológico de escrita que confronta a criação de significados hegemônicos na literatura, mas não apenas: também se amplia para além das letras escritas, de modo a possibilitar a ampliação dos horizontes dos modos interpretativos da experiência negra contemporânea.

Ponciá Vicêncio: à deriva entre a continuidade e a ruptura

Num fluxo de retorno e renovação do pensamento, resgato a ideia do poema que ocupa a epígrafe desse texto: “Recordar é preciso”, gesto que marca a construção do projeto literário de Conceição Evaristo, tecelã de tempos passados e presentes, que, em sua ficção, recorda a memória da escravidão, urdindo em palavras uma trama por onde toma emprestados fatos históricos da experiência negra para construir uma tessitura composta por fios de lembranças individuais e coletivas. A ficção evaristiana, desse modo, torna-se um terreno fértil de resgate da memória como modo de recomposição de

subjetividades fragmentadas pelos processos dos quais o colonialismo e racismo derivam.

Ponciá Vicêncio, personagem-título do primeiro romance que veio a público de Conceição Evaristo, em 2003, vive o recordar, imersa nas idas e vindas das camadas de sua memória, rememorando os retalhos de lembranças, vivendo oscilante, à deriva, como naufraga no mar onduloso de suas recordações, vivendo o apartamento da realidade e do presente. Nesse romance, Conceição Evaristo tece uma elaborada trama composta por deslocamentos, memórias e ausências, por onde a personagem desfia, fio a fio, uma história de continuidades de poder e violências que recaem sobre si e seus antepassados, causando-lhe um profundo apartamento de si mesma e da realidade presente em que vive.

A história é marcada pelos deslocamentos físicos e simbólicos realizados pela personagem, que transita entre o ambiente rural da Vila Vicêncio, lugar onde nasceu e cresceu, uma vila que recebe o nome remanescente do senhor proprietário das terras e das pessoas escravizadas que nela trabalhavam, antepassados da protagonista. Embora a história se passe no período após a abolição da escravidão, o lugarejo é marcado pela permanência de um poder hegemônico que conduz a estrutura social da qual Ponciá e sua família fazem parte, inseridos num ciclo de continuidades que atravessa gerações. Os trânsitos da personagem ocorrem também pelo ambiente urbano da cidade grande, que marca os modos atualizados que o poder hegemônico assume e pelos quais permanece influenciando na vida da jovem. Os deslocamentos se dão ainda pelas camadas da memória da protagonista, que vive em constantes idas e vindas de suas lembranças.

O romance de formação se inicia quando Ponciá, ainda criança, “gostava de ser ela própria” (EVARISTO, 2017a, p. 13), vivia na sua terra de origem, cercada pela sua família, pela sua comunidade, ajudava a mãe, Maria Vicêncio, no trabalho com o barro, argamassa e matéria prima da arte que criavam juntas. É ainda criança que Ponciá se depara pela primeira vez com a sensação de vazio, quando tem a visão de uma mulher, cujo corpo era “transparente e vazio” (p. 14). Nas malhas do tempo, que se dobram para o passado e para o presente vividos pela personagem, o vazio é um elemento recorrente que semantiza o enredo, pois se relaciona com o fluxo de continuidades do poder

hegemônico, o qual interfere diretamente nas vivências da personagem, ao passo que marca de modo profundo sua subjetividade e percepção sobre si mesma.

Na intenção de romper o ciclo de continuidades ao qual estava entrelaçada em sua terra natal, Ponciá inicia uma jornada pela compreensão de seus mistérios. Num primeiro momento, parte em derrocada para a cidade grande, mobilizada pela necessidade urgente de afastamento daquilo tudo que conhecia até então, buscando construir outras possibilidades de futuro para si, como se observa no trecho a seguir: “Por que uma ida tão repentina, como um gesto de quase fuga? Ponciá não conseguia explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus” (p. 34). Entretanto, é no ambiente urbano que a personagem passa a vivenciar a experiência da exclusão de modo agudo, que culmina num processo de despontualização de si mesma, causado pelo apartamento de tudo que a conectava com a sua própria identidade.

A incursão realizada por Ponciá Vicêncio é gerada por um profundo sentimento de não pertencimento, que mobiliza um impulso escapista na jovem. No entanto, ao empreender essa jornada sozinha, fica distante de sua terra natal, sua comunidade, sua família e da arte da cerâmica em barro, desconectando-se de elementos que compunham os pilares constitutivos de sua subjetividade. À medida que o enredo se desenvolve, em sua vida na cidade grande, a personagem sofre um processo de padecimento emocional que resulta no apartamento de si mesma: “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (p. 24). No desencadear de acontecimentos que se desenvolvem na narrativa, o vazio passa a se configurar como um elemento constituinte da própria subjetividade da personagem. A autora utiliza um jogo semântico entre palavras e ideias em oposição, como a dualidade entre os termos “preenchimento” vs. “vazio”, “ausência” vs. “presença”, etc., para elucidar a complexidade emocional do entrelugar em que a personagem se encontra, evidenciando o sentimento de não pertencimento que a acompanha em sua jornada de amadurecimento até a idade adulta.

Retomo a investigação da poeta Dionne Brand, com a qual iniciei o texto, onde a autora argumenta sobre o sentimento de não pertencimento como algo constituinte da

vivência de pessoas negras na diáspora, um traço residual do processo de escravização e desconexão com o local de origem. Ela afirma:

Nossa ancestralidade se desorientou porque tinha um senso de origem – alguma nação, aldeia, família às quais pertenciam e das quais foram apartadas. Nós, por outro lado, não temos tal sentido imediato de pertencimento, apenas de deriva (BRAND, 2022, p. 141).

Tal processo pode ser verificado no romance desde a tenra idade de Ponciá Vicêncio, que não se identifica com o próprio nome, este, por sua vez, herança colonial do senhor proprietário dos antepassados escravizados da personagem. No excerto a seguir é possível observar o modo como a sensação de vacuidade experimentada pela personagem está atrelada à herança simbólica recebida através do nome, conquanto a personagem não se identifica com o próprio nome:

Uma noite ela passou o tempo todo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele espantado perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que lhe poderia chamar de nada (EVARISTO, 2017a, p. 19, grifo meu).

O profundo sentimento de vazio e nulidade que acompanha a personagem se agrava com sua migração para a cidade grande, caracterizando-se como um sintoma do adoecimento psíquico causado pelo ciclo contínuo de violências às quais a jovem é submetida. O estado de vacuidade em que se encontra a protagonista, enquanto elemento causador de seu padecimento emocional, é também um sintoma do sentimento de não pertencimento que acompanha a personagem durante a formação de sua interioridade, indício da fratura na subjetividade característica das pessoas negras na diáspora decorrente do físsura da escravização.

No ambiente urbano, Ponciá vive um processo de descolamento da realidade, vivendo um ciclo de perdas, derrotas e ausências, acompanhado pelo sentimento de solidão e agonia, que estão atrelados ao desencanto pela vida experimentado pela protagonista. Vítima de violência doméstica, a protagonista passa por sucessivas perdas gestacionais, vivendo um contexto de miséria, em que “nem todas as mães vingam” (MOTTA, 2022, p. 15). O resultado da combinação das múltiplas camadas de

vulnerabilidade nas quais a personagem está inserida é o apartamento de si mesma, onde Ponciá vive “alheia, morta-viva, longe de tudo” (EVARISTO, 2017a, p. 83), oscilante em sua consciência, à deriva entre momentos de presença e o mergulho em memórias do tempo passado.

A contraposição entre termos antagônicos é recorrente no corpo do romance, construindo um tensionamento que evidencia os sentimentos constantes de aflição e agonia vividos pela personagem diante de sua realidade, ao passo que mostra também a imobilidade e inércia frente ao poder hegemônico que influi sobre sua vida. A protagonista se percebe impotente, incapaz de se organizar num movimento de resistência e contraposição ao que lhe aflige:

Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois assim, se livrariam de viver uma mesma vida. [...] Sim, ela era escrava também. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2017a, p. 72).

No excerto acima, o antagonismo se faz a partir da contraposição entre as palavras “escrava” vs. “quilombo”, onde a autora utiliza os termos para trazer à tona a ideia de permanência de um poder que adoece e imobiliza a personagem, em contraponto à ideia de resistência diante do ciclo de continuidades que deu início ao movimento de deslocamento e busca realizado por Ponciá. O psiquiatra e professor brasileiro Joel Birman afirma que o processo de dissolução da autoestima, sentimentos como desvalorização e despotencialização de si, são sintomas de um esvaziamento do sujeito na contemporaneidade e que resultam na impossibilidade de ação e imobilidade. Ele disserta:

Pode-se deprender facilmente disso tudo como a desposseção de si é o processo fundamental na produção do sentimento de vazio, que, como vazio *do* e *no* existir, é a marca pragmática que se encontra presente nas depressões contemporâneas. Evidentemente, o vazio é uma figura retórica que remete à categoria de espaço. Poder-se-ia mesmo dizer que o vazio é o espaço negativo, pois não contém mais qualquer figura em seu interior. Porém, como potência em negativo da espacialidade, o vazio é ainda o espaço contraído e condensado num ponto evanescente, que provoca vertigens e lança o sujeito inapelavelmente nas bordas da sensação de abismo (BIRMAN, 2020, p. 123).

A imobilidade diante da despotencialização de si, à qual o autor se refere, acomete diretamente a Ponciá Vicêncio, que vive a desesperança e passa a habitar o vazio e o recolhimento em si mesma, através do silêncio como estratégia de proteção e sobrevivência diante do acúmulo de violências sofridas, como afirma a voz narrativa do romance: “No princípio, quando o **vazio** ameaçava **encher** a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu” (EVARISTO, 2017a, p. 40, grifos meus). O excerto é um mais um exemplo do jogo semântico entre termos antagônicos que evidenciam a incongruência dos sentimentos vividos pela personagem e o movimento de lançar-se para o abismo da vacuidade citado por Birman, que, na escrita evaristiana, ganha contornos próprios da experiência negra em relação com o passado histórico, sendo o vazio a representação do poder colonial remanescente que interfere na subjetividade de Ponciá Vicêncio.

Após sofrer múltiplas violências físicas e simbólicas em seu percurso, a protagonista se recolhe no silêncio e vive a mudez, passando a se comunicar pelos gestos de seu corpo. O processo de mutismo vivido por Ponciá Vicêncio é o ponto alto de seu padecimento emocional, vivificado em seu corpo, que – marcadamente racializado e gendrado – é receptáculo do acúmulo de violências. O recolhimento, com sua mudez, escolhido pela personagem como abrigo, é mais um dos sintomas do seu adoecimento psíquico, que faz com que a personagem viva alheia a si mesma e à realidade a sua volta. Em seu estado de apartamento de si, vivendo a despossessão de sua subjetividade, como morta-viva, Ponciá experimenta uma dimensão simbólica do que o filósofo camaronês Achille Mbembe nomeia como necropolítica, noção empregada para

explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “**mortos-vivos**” (MBEMBE, 2018, p. 71, grifo meu).

A desesperança que acomete a personagem após as sucessivas perdas, fracassos e violências sofridas, somada às condições precárias de vida, são fatores gerados pela incidência contínua do poder hegemônico que se fazia presente em sua terra natal e permanece sendo atualizado no ambiente urbano. A violência colonial que recaía sobre a existência de seus antepassados se estende por sua vida, por meio das condições de miséria e vulnerabilidade em que vive a protagonista. O conjunto de precariedades que atinge a vida da personagem ultrapassa o campo físico e material, afetando sua vida de poucos recursos, no barraco em que mora com o marido violento, como também atinge uma dimensão subjetiva, à medida que Ponciá deixa de acreditar nos sonhos que havia traçado para si ao migrar para cidade grande, como é elucidado no trecho a seguir: “O que acontecera com os seus sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia” (EVARISTO, 2017a, p. 30).

A dimensão simbólica da necropolítica em que a personagem vive é uma condição imobilizadora, causada pelas sucessivas violências coloniais que atravessam as gerações de seus antepassados e interferem no seu corpo e em sua subjetividade, através da combinação e acúmulo das diversas opressões vividas, tanto na sua terra de origem como no ambiente urbano. Vítima de uma profunda sensação de não pertencimento, sintoma de uma memória da escravidão, Ponciá Vicêncio vive à deriva, como náufraga do poema que ocupa a epígrafe desse texto, vivendo o recordar de suas próprias lembranças, alheia a si e recolhida no silêncio.

A herança é um elemento que emerge no enredo do romance como sintoma do acúmulo e continuidades das violências incorporadas por Ponciá Vicêncio, que se assentam no seu corpo através da gestualidade. É um elemento que possui, na narrativa, um significado ambivalente, podendo ser interpretado como indício da permanência do poder hegemônico que interfere na vida da personagem e de seus antepassados, que atravessa gerações como um legado deixado pelo avô. Em contraponto, também se configura como vetor de ruptura com o ciclo de violências que adoce e imobiliza Ponciá: à medida que a jovem compreende sua história e conecta-se consigo mesma, é

através da sua corporeidade que a herança se realiza e se torna veículo de reencontro com a sua ancestralidade. A herança recebida por Ponciá Vicêncio é um enigma que vai se decifrando ao longo do desenvolvimento da narrativa do romance, uma vez que, ainda criança, a personagem toma conhecimento de que seu Vô Vicêncio havia lhe deixado uma herança. Entretanto, o fato é revestido, a princípio, de um ar misterioso. Tendo em vista o fato de que o antepassado da personagem foi uma pessoa escravizada, a herança deixa de ser compreendida dentro de um campo físico e material e ganha contornos subjetivos dentro da narrativa do romance:

A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. [...] Diziam que ela parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio (p. 27).

A herança e o vazio são elementos que semantizam o texto e se relacionam com o ciclo de continuidades da autoridade colonial e das violências que atravessam a vida dos antepassados da personagem e marcam a subjetividade de Ponciá. Vô Vicêncio é um personagem que escancara os horrores da escravidão, deixando evidentes as consequências e impactos sobre a saúde mental das pessoas negras que tiveram seus corpos e subjetividades aviltados pelas inúmeras violências. O avô de Ponciá, após viver a aniquilação de sua família e ver filho por filho serem vendidos pelo senhor proprietário, mesmo vivendo no tempo da Lei do Ventre Livre, num ato de desespero e recusa aos horrores da escravidão, tira a vida de sua própria esposa e, em seguida, empreende uma tentativa frustrada contra si próprio, decependo a própria mão. Desse momento em diante, vive oscilando entre risos e choros, vivendo a condição de sobrevida, deixado à própria sorte.

Transposta no tempo, a gestualidade do avô se repete na neta, onde o corpo de Ponciá, depositário de uma memória que atravessa gerações através dos tempos, uma memória ancestral que se assenta no corpo, reproduz os mesmos risos e choros do avô, assim como a forma de andar curvada, com o braço colocado para trás, como se fizesse alusão ao braço decepado do avô. A conexão de Ponciá com o Vô Vicêncio, que se faz através da herança, representa o ciclo de continuidades do poder autoritário causador do

sofrimento mental, vivido pelo mais velho e que é também experienciado pela jovem, assim o acúmulo das diversas camadas de violências e traumas se manifesta no corpo físico e na gestualidade.

Entre os trânsitos e deslocamentos de sua memória, numa tentativa de reencontro e compreensão de sua própria história, Ponciá Vicêncio realiza um deslocamento até a sua terra natal, a Vila Vicêncio. Após a busca frustrada pelos seus familiares em sua terra de origem, o processo de padecimento emocional de Ponciá passa a ser mais evidente, incidindo em seu corpo de modo acentuado. Este, por sua vez, demonstra mais e mais os indícios da herança deixada pelo avô, quando a gestualidade e comportamento semelhantes ao de Vô Vicêncio tornam-se mais evidentes. A autora constrói um tensionamento entre os sentimentos e as manifestações corporais vividas pela personagem, visto que, à medida que o processo de padecimento emocional vai se tornando mais grave e evidente, Ponciá passa a manifestar em gestos e movimentos do corpo as agonias de seu adoecimento, andando em círculos, entre choros e risos, curvada, como avô o fazia.

Muito embora seja sintoma e causadora do adoecimento psíquico da personagem, a herança é também vetor de reencontro com a subjetividade e a ancestralidade de Ponciá, que, através da memória ancestral que reside no corpo, direciona a jovem. Após sucessivas e malogradas tentativas de encontro com seus familiares, ela empreende a trajetória final de retorno e reencontro para a sua terra de origem, com o objetivo de buscar barro no rio, rememorando o antigo ofício artesanal de buscar a matéria prima de sua arte, realizada na companhia de sua mãe. A imagem do barro emerge na narrativa como um elemento de conexão da personagem com a sua mãe, com a sua terra de origem e com a sua ancestralidade.

Desfiava fios retorcidos de uma longa história. Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse cotó, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também conformam um corpo (p. 110).

O corpo de Ponciá Vicêncio é ao mesmo tempo, símbolo da experiência da exclusão em sua condição de raça e gênero, e também veículo que permite extrapolar os contornos da violência que aflige e recai sobre a vida da personagem, possibilitando que a jovem acesse o que está para além. É através de sua gestualidade que a personagem consegue realizar um movimento de guinada, transformando o que antes era um acúmulo das diversas camadas de violência e vulnerabilidade, e que através da herança se configurava em manifestações corporificadas de suas agruras, transfigurando-se em gestualidades criativas, dando lugar à produção de sentidos para essa experiência vivida pela personagem através da sua arte com barro.

O ponto de virada que a protagonista realiza em sua trajetória se dá por meio da gestualidade do corpo, através da herança. Ponciá somente ultrapassa a dimensão da necropolítica em que está inserida quando empreende um movimento de compreensão de sua própria história e da herança deixada pelo avô; através do percurso trilhado de autoconhecimento, a protagonista consegue se conectar com a sua ancestralidade e reencontrar seus familiares. A guinada do processo de adoecimento vivido pela personagem se realiza quando ela volta a conceber a sua própria existência de modo positivo. A noção de continuidade, que inicialmente se inscreve no romance adensada ao poder hegemônico colonial, passa a evocar os sentidos da ancestralidade presente na memória do corpo da personagem representada pela herança, retomando assim o pensamento afrodiáspórico que subjaz na literatura de Conceição Evaristo.

A escrevivência e o lugar de criação literária: a ficção como método recombinate

A escrevivência de Conceição Evaristo se configura como método de criação literária que mistura real e ficção de modo a conferir novos contornos à experiência histórica negra e à memória da escravidão, isso permite a produção de sentidos dentro da literatura, o que possibilita a recomposição de subjetividades vilipendiadas pela violência da sujeição e os processos de invisibilidade e apagamentos remanescentes do período da escravidão. A ficção literária evaristiana se apresenta como um lugar de criação e recriação da experiência e memória negra afrodiáspórica, especialmente no

que tange ao lugar da criação artística em interlocução com o modo de interpretação do mundo e à relação que se estabelece com o universo dos povos de culturas africanas.

O romance Ponciá Vicêncio evidencia a maneira com que a autora utiliza a escrevivência como metodologia de escrita literária para criar novos sentidos para a experiência negra do passado. Através de sua ficção, a escritora utiliza elementos da história da escravidão para reelaborar e (re)criar outras perspectivas interpretativas para essas histórias, de modo a conferir dignidade às pessoas negras que passaram pela experiência da sujeição e dissolução de suas subjetividades diante dos horrores ocorridos durante o período colonial.

A herança que a protagonista recebe do avô, que antes era um fator de adoecimento, pela falta de compreensão dos seus significados, passa a ser a ponte de acesso para a ancestralidade da personagem. Dentro dessa perspectiva, a noção de continuidade que atravessa todo o romance deixa de estar atrelada à permanência do poder colonial, que aflige a adocece a jovem, e se expande em dimensões que abarcam a vida e a existência em coletividade como modo de resistência e substância ligada à ancestralidade, “princípio *mater* que inter-relaciona tudo o que no cosmos existe, transmissor da energia vital que garante a existência ao mesmo tempo comum e diferenciada de todos os seres e de tudo no cosmos” (MARTINS, 2021, p. 42).

Retoma-se o pensamento da poeta Dionne Brand, quando afirma que A Porta do não retorno é um lugar físico, mas sobretudo metafórico; é uma consciência da tentativa de retorno para um lugar marcado pela ausência de qualquer registro de origem, sendo necessária uma recriação desse momento da experiência negra coletiva, o momento anterior à passagem pela Porta. Desse modo, para Brand, a experiência negra na diáspora está imbricada com a noção de ficção, abrindo o debate para os diversos modos da interpretação das memórias e vivências negras na contemporaneidade:

Ter o pertencimento de alguém alocado em uma metáfora é uma intriga voluptuosa; habitar um tropo; ser uma espécie de ficção. **Viver na Diáspora Negra é, eu acho, viver enquanto ficção – uma criação de impérios e também uma autocriação. É ser um ser que vive dentro e fora de si mesma. É aprender o signo que produzimos e ainda assim sermos incapazes de escapar dele a não**

ser em momentos radiantes de banalidade e transformados em algo como arte (BRAND, 2022, p. 33, grifos meus).

A ideia de ficção à qual a autora se refere pode ser compreendida como um lugar oblíquo, até mesmo turvo, no que concerne à memória da escravidão e à experiência negra. Entretanto, pode também ser compreendido como um lugar onde se ampliam as possibilidades interpretativas da experiência através da pluriversatilidade da criação de sentidos, onde a arte emerge como possibilidade fundamental à existência negra afrodiáspórica. Sem o ato da criação artística em sua vida, Ponciá Vicêncio teria permanecido na dimensão de uma vida apagada, apartada de sua subjetividade e de sua ancestralidade. Porém, sua criação com a arte do barro reelabora sua experiência de vida, sua história, e se apresenta como o meio pelo qual ela consegue se reconectar consigo mesma. Paul Gilroy (2001, p. 129-30) argumenta que as práticas artísticas têm um papel fundamental na criação de imaginários para pessoas negras diante da memória da escravidão, pois se configuram como expressões que ultrapassam os limites do campo da expressão artística, estando atreladas à vida e à existência das pessoas negras como modos de resistência e luta pela emancipação:

[...] a arte se tornou a espinha dorsal das culturas políticas dos escravos e de sua história cultural. Ela continua a ser o meio pelo qual os militantes culturais ainda hoje se engajam em “resgatar críticas” do presente tanto pela mobilização de recordações do passado como pela invenção de um estado imaginário que possa alimentar suas esperanças utópicas.

Ponciá Vicêncio é uma personagem que elucida o modo como Conceição Evaristo se mostra empenhada em construir representações, em especial de mulheres negras, de modo a trazer à luz a complexidade de sentimentos, contradições, angústias e anseios próprios da subjetividade humana. Tal empenho pode ser conferido em todo seu projeto literário, que busca atribuir novas perspectivas à experiência negra a partir de construções narrativas baseadas em imagens contrapostas aos estereótipos negativos ligados à subalternidade, que estão presentes na literatura brasileira. Uma leitura atenta da obra literária de Conceição Evaristo revela sentidos de uma elaboração, dentro da literatura, de camadas da experiência afrodiáspórica contemporânea. Seja na poesia ou

na ficção, a autora tece uma rede que (re)combina memória e história, e permite a recomposição das subjetividades fraturadas pela violência da sujeição.

Referências

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BRAND, Dionne. *Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2022.

CARNEIRO, Sueli. O matriarcado da miséria. In: *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017b.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima Duarte; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOTTA, Aline. *A água é uma máquina do tempo*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

Recebido em: 31/03/2024

Aceito em: 18/05/2024

